

DIPLOMACIA E RELAÇÕES TRILATERAIS CHINA-EUA-JAPÃO: UMA ANÁLISE DE CONTEÚDO DE DISCURSOS NO PERÍODO 2008-2018

DIPLOMACY AND CHINA-JAPAN-U.S. TRILATERAL RELATIONSHIP (2008-2018) – ASSESSMENT THROUGH CONTENT ANALYSIS

Luís Alberto Martins Sales¹

Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais

Universidade de Brasília

Brasília – Distrito Federal – Brasil

Resumo: O objetivo desse trabalho é apreciar em que medida os discursos diplomáticos acompanham os relacionamentos trilaterais China-EUA-Japão, no período 2008-2018. Por meio de inferência estatística sobre orientação semântica de discursos *online* dos ministros de relações exteriores e secretário de Estado, descobrimos que convergências e divergências no relacionamento trilateral são refletidas nos discursos, apesar de encontrarmos maior adequação dos discursos chineses e japoneses do que dos norte-americanos às práticas observadas na realidade.

Palavras-chave: Análise de conteúdo. China. Estados Unidos. Japão.

Abstract: The objective of this paper is to assess to which extent diplomatic discourse accompanies the China-Japan-U.S. trilateral relationships in the 2008-2018 period. Through statistical inference on semantic orientation of online speeches from foreign ministers and the secretary of State, we discover that the discourses reflect the status of the trilateral relationship, although we report that Chinese and Japanese speeches find better correspondence than American ones to empirical observations.

Key-words: Content Analysis. China. Japan. United States.

Recebido: 30/04/2020

Aprovado: 15/07/2020

Introdução

A Ásia-Pacífico ganha relevância na política internacional à medida que se observa, não só o deslocamento do centro gravitacional econômico global (QUAH, 2011) – sobretudo pelo peso cada vez maior da China no PIB e comércio internacionais – como também a acumulação progressiva de capacidades militares para a região – que conta com cinco dos dez países que direcionam maior orçamento para gastos militares, correspondendo a aproximadamente 58.9% do orçamento militar global em 2018 (SIPRI, 2019). Assim, destaca-se o papel desempenhado por China, Japão e EUA e as respectivas relações trilaterais como elementos essenciais para a dinâmica político-econômica regional.

¹ luismartinsxd@gmail.com

O objetivo desse trabalho é apreciar em que medida os discursos diplomáticos acompanham o estado dos relacionamentos trilaterais China-EUA-Japão: entre 2008, ponto de inflexão na economia internacional, com estagnação norte-americana, mas crescimento chinês; e 2018, decênio para o qual há disponibilidade de discursos *online* dos governos chinês, japonês e norte-americano em quantidade suficiente para inferência estatística de dados de orientação semântica extraídos computacionalmente. Procuramos mostrar que há significância estatística para apontar diferença nas amostras e no direcionamento positivo ou negativo dos discursos recíprocos dos países. O método escolhido se justifica por sua objetividade, confiabilidade de reprodução dos resultados e capacidade de processamento de grande quantidade de informação. O resultado indica que convergências e divergências no relacionamento trilateral são refletidas nos discursos, apesar de encontrarmos maior adequação dos discursos chineses e japoneses do que dos norte-americanos às práticas observadas na realidade. O desenvolvimento do artigo se divide em quatro partes: 1) breve panorama histórico, que apresenta os principais eventos e processos que caracterizaram as relações trilaterais a partir do pós-Guerra Fria, mas especialmente após a crise asiática de 1997; 2) método, em que se discute a mensuração da orientação semântica de discurso como indicador de estado das relações internacionais entre países; 3) procedimentos, objetivando expor didaticamente o passo-a-passo da coleta de dados; 4) resultados, com a apresentação dos cálculos estatísticos descritivos e inferenciais.

1. Breve panorama histórico

Relembrem-se, em 2019, os trinta anos do massacre da Praça da Paz Celestial. Um observador que analisasse o evento à luz das relações internacionais da China e o encaixasse no contexto mais amplo de mudanças estruturais pelas quais passavam o sistema internacional e, especialmente, a Ásia-Pacífico em 1989, ficaria surpreso com a contemporaneidade. Tudo pareceria indicar que as medidas de abertura política e econômica – empregadas por países do bloco oriental e que poucos meses mais tarde culminariam na queda do muro de Berlim – seriam incontornáveis. Assim, os países que não se adequassem, encontrariam o isolamento internacional experimentado pela China no imediato pós-Tiananmen, frente aos valores liberais propagados pelos Estados Unidos (OLIVEIRA, 2012). Entretanto, o que se observa na atualidade é não apenas o fechamento econômico do mercado norte-americano – ao se retirar das principais negociações multilaterais do TPP (Parceria Transpacífica) e TTIP (Acordo de Parceria Transatlântica de Comércio e Investimento) e buscar renegociar o NAFTA (Acordo de Livre Comércio da América do Norte) (NOLAND, 2018) –, como também a inserção cada vez mais incisiva da China em espaços

multilaterais e mecanismos de governança global, apesar de níveis crescentes de fechamento político e autoritarismo doméstico.

Procurar uma relação de causa e efeito unívoca para explicar transformações tão radicais no cenário internacional, se é que é possível, está além das pretensões do presente trabalho. Buscamos, porém, através de apoio em aportes teóricos e na bibliografia disponível, o objetivo mais restrito de compreender algumas das linhas de força que caracterizaram as relações trilaterais China-EUA-Japão entre 2008 e 2018, ainda que tais tendências gerais se sobreponham a eventos individuais. É evidente a impossibilidade de começar a análise a partir de um recorte temporal arbitrário, de modo que devemos, então, considerar o contexto mais amplo da ordem inicial pós-Guerra Fria, identificando, ainda, em tal recorte, a crise asiática de 1997 e a crise de 2008 como marcos relevantes no relacionamento trilateral.

Após o colapso da União Soviética e respectiva esfera de influência, existe uma única superpotência econômica, militar e política, e o sistema internacional se aproxima da unipolaridade norte-americana. Porém, unipolaridade não significa ausência de conflitos ou mesmo estabilidade, afinal de contas, nem sempre a superpotência possui interesse de intervir em conflitos (MONTEIRO, 2014). Da perspectiva do unipolo, a manutenção do status quo ou o aumento da assimetria perante demais membros do sistema, na diferenciação entre realismo defensivo e ofensivo de Mearsheimer (2001), são alcançados pelo exercício de poder relacional e estrutural: o primeiro, associado à definição clássica da Ciência Política do poder como “*A has power over B to the extent that he can get B to do something that B would not otherwise do*” (DAHL, 1957, p. 202-203), já o segundo, “*confers the power to decide how things shall be done, the power to shape frameworks within which states relate to each other, relate to people, or relate to corporate enterprises*” (STRANGE, 1998, p. 25). Tais exercícios podem refletir, seja em intervenção militar direta pelo poder relacional, como se observou na I Guerra do Golfo, ou na criação/fortalecimento de instituições internacionais, prolíficas ao longo da década de 1990, que oferecem bens públicos, mas também constroem os participantes por meio de regras formuladas pelo unipolo. Nesses arranjos, o unipolo passa a contar com perspectiva de obtenção de ganhos relativos, mas que também pode induzir padrões e continuidades na política internacional (estabilidade hegemônica), sendo que esta última modalidade se destacou no marco geral da política externa norte-americana no imediato pós-Guerra Fria (IKENBERRY, 2001).

Assim, não é demais constatar que, nesse novo contexto, o Japão se sobressaiu como possível próximo competidor à hegemonia norte-americana na Ásia-Pacífico: não tanto na esfera militar, pois persistiram os compromissos securitários firmados anteriormente no imediato pós-

Segunda Guerra Mundial; mas principalmente na esfera político-econômica, na medida em que se incrementavam as possibilidades de atuação de um país não-normalizado (que não exerce as plenas capacidades militares) e segunda maior economia mundial em uma ordem internacional não travada por disputas militares, ainda que indiretas, entre superpotências, como o fora durante a Guerra Fria. Nesse sentido, é possível interpretar a iniciativa japonesa de constituição do Fundo Monetário Asiático (ZHANG, 2014) como tentativa própria de estabelecimento de mecanismo de poder estrutural frente ao tradicional Fundo Monetário Internacional, instituição por excelência sob o domínio norte-americano desde sua concepção em Bretton Woods, pós-crise asiática de 1997 – iniciativa essa recebida de maneira negativa tanto pela China quanto pelos EUA.

A convergência entre China e EUA observada em vários momentos no período anterior a 2008 é condizente com o interesse sino-americano de manutenção do equilíbrio na região, haja vista que, da perspectiva chinesa, apesar do crescimento econômico experimentado no período, ainda é muito significativa a assimetria em relação ao Japão, mesmo sofrendo com os efeitos negativos do estouro da bolha financeira. Assim, é importante ressaltar o papel do relacionamento entre China e EUA, errático ao longo do pós-Guerra Fria, que, contudo, após a crise dos estreitos em 1996 e o risco de combate a nível do poder relacional, passa a assumir menor conflitividade, pelo menos até a gestão Obama (SUTTER, 2012). A China passa a adotar postura menos assertiva e mais condizente com suas capacidades no período (exceção feita ao episódio do bombardeamento da embaixada em Belgrado) a partir das cúpulas sino-americanas de 1997 e 1998, participando crescentemente dos mecanismos de poder estrutural norte-americanos, a exemplo da aplicação norte-americana de Cláusula de Nação mais Favorecida à China durante a administração Clinton, mas também recebendo apoio em episódios como a questão de Taiwan.

Zhang concebe tais iniciativas como ponto fulcral na relação bilateral japonesa com China, tendo em vista que representam convergência sino-americana à margem do relacionamento nipo-americano e incrementam as possibilidades de abandono do Japão pelos Estados Unidos (ZHANG, 2014). Ao contrário da experiência histórica de potências revisionistas da ordem internacional (conceito este que não se aplica ao Japão no período após 1990, mas que lança luz sobre o caso japonês), o Japão possui uma dependência incomum dos Estados Unidos, que, por um lado, permitiu concentrar suas capacidades no desenvolvimento econômico, mas, por outro, restringe sua autonomia em matéria de segurança, já que não conta de prontidão com o poderio norte-americano e a ameaça do abandono se eleva com o cenário pós-Guerra Fria, uma vez que não há mais a premência de os EUA manterem uma política de defesa global tão intensa quanto o fora pré-1991.

Nesse sentido, depreende-se o afastamento de uma política confrontacionista e maior aproximação japonesa com relação aos EUA a partir do governo Koizumi (2001-2006).

Para além da política doméstica japonesa, 2001 também marca transformação da política externa norte-americana, que se afasta do institucionalismo presente na década de 1990 e o exercício do poder estrutural em direção à utilização de poder relacional, ainda que em sobreposição às resoluções do Conselho de Segurança das Nações Unidas (JENTLESON, 2010). A Guerra do Afeganistão e a II Guerra do Golfo redirecionaram esforços principalmente para o Oriente Médio, que passa a ocupar lugar especial na agenda externa estadunidense, à medida que se vincula aos atentados de 11 de setembro e se torna tópico de interesse do público doméstico estadunidense (e dos políticos em busca de vantagens eleitorais). Se é bem verdade que a doutrina Bush – com sua ênfase em regimes suspeitos de desenvolver armas de destruição em massa, sobretudo nucleares, em desacordo com o Tratado de Não-Proliferação Nuclear – inseriu a Coreia do Norte no “Eixo do mal”, colocando-a na mesa de negociações junto com a China e o Japão, durante as negociações *hexapartites* (*Six Party Talks*) (2003-2009), isso não se constituiu tema definidor das relações trilaterais no começo do milênio, nem como principal destino do exercício de poder de Washington, que se concentrou em sanções e incentivos econômicos a Pyongyang, mas não de natureza militar (BUSZYNSKI, 2013).

De fato, os fenômenos mais significativos para compreender os posteriores desenvolvimentos políticos ocorrem principalmente no nível das capacidades materiais e sua interação com a dimensão econômica. Sob o risco de repetir *ad nauseam* o que se encontra na literatura, o exponencial crescimento econômico chinês diminuiu paulatinamente o *gap* existente com relação a EUA e Japão, ultrapassando o PIB deste em meados de 2010 (WORLD BANK, 2019a). Para além desse indicador, o crescimento chinês se realizou com inflação inferior a 6% a.a. (NAUGHTON, 2006), que representa um número razoável para países em desenvolvimento; além de estabilidade cambial do *renminbi*; e acumulação de reservas internacionais, sobretudo títulos do Tesouro norte-americano. Em uma dimensão mais qualitativa, o desenvolvimento não se deu apenas pela simples incorporação de mais fatores de produção, mas pelo aumento de produtividade, com investimentos crescentes em infraestrutura (KROEBER, 2016). Na dimensão securitária, o resultado mais explícito foi o aumento do orçamento militar chinês e de capacidades materiais da ordem de 117.3% em 2008 sobre o valor de 2001, superior ao 63.3% dos EUA ou ao 96.5% japonês (SIPRI, 2019) no mesmo período.

A comparação com o caso norte-americano e japonês é evidente. Os EUA, durante a administração de George W. Bush, apesar de terem mantido resultados positivos de crescimento do

PIB, lograram esse feito com aumento da dívida pública, revertendo a tendência que vinha do segundo governo Clinton (OCDE, 2019). Os demais indicadores macroeconômicos se mantiveram nas expectativas traçadas pelo FED (Sistema de Reserva Federal dos Estados Unidos), porém, são incapazes de capturar o fenômeno mais profundo da bolha financeira que culminará com a crise de 2008. É claro que não se trata de evento inteiramente sobre o domínio estatal, apenas indiretamente pela leniência dos agentes públicos para com títulos *subprimes* do mercado financeiro. Entretanto, gerou consequências para o exercício de poder dos EUA, ao passo que as medidas heterocíclicas pós-2008 se voltaram para a produção doméstica, e pressões foram colocadas para gastos mais conservadores em defesa (DUARTE, 2013) – para além da percepção de baixo custo benefício das iniciativas militares no Oriente Médio, com não comprovação de produção de armas de destruição em massa pelo Iraque e consequente desgaste da imagem internacional dos EUA. Tais medidas provocaram aumento explosivo da dívida pública, passando a mais de 100% do PIB norte-americano (OCDE, 2019), e diminuição de juros, com consequente desvalorização do dólar perante demais moedas e atrito com parceiros comerciais (STOKES, 2014).

A situação japonesa consegue ser ainda mais sombria. Não só não conseguiu resultados positivos em vários anos entre 2001 e 2008 (e, igualmente, na extensão para o período entre 1991 e 2001) (WORLD BANK, 2019b), acompanhando as crises pelas quais passaram os EUA – o que não foi necessariamente o caso da China –, como também parece ter perdido eficácia dos instrumentos fiscais e monetários para estímulo econômico, apesar de ocupar a posição de primeiro lugar no ranking mundial de dívida pública em percentual do PIB na contemporaneidade (CIA, 2019) e chegar a alcançar juros reais próximos a zero ou mesmo negativos (KRUGMAN et al., 1998).

Face às mudanças na distribuição de capacidades, enxerga-se um novo período nas relações trilaterais a partir de 2008. A perspectiva de contendor à hegemonia norte-americana passa do Japão, na década de 1990, à China no novo período, e os padrões de convergência e divergência são alterados. Na política global norte-americana, ocorre menor destinação de recursos ao Oriente Médio e retorno de foco à Ásia-Pacífico com a gestão Obama, ao elaborar política externa específica para a região de pivô para a Ásia. Acompanhando tais alterações, também se constata o deslocamento de ênfase do exercício do poder relacional para o poder estrutural, por meio de iniciativas econômicas como o TPP à exclusão da China (LEE, 2016).

O Japão não se manteve neutro, aproveitando a conjuntura para se reaproximar dos EUA, especialmente a partir da gestão Abe (KATAGIRI, 2019), como segundo pilar de sustentação do TPP. Porém, não se nota apenas apoio aos mecanismos de poder estrutural econômicos norte-americanos para equilíbrio perante a China (TELLIS, 2014), como também desenvolvimento de

capacidades militares próprias e de cooperação, em matéria de segurança, com outros países da região, especialmente Vietnã e Filipinas, países com histórico de disputas territoriais com a China. De maneira mais palpável, passos concretos têm sido dados em direção à normalização japonesa, pela reinterpretação do artigo 9º da constituição, no sentido de permitir participação ativa em acordos de autodefesa coletiva (CHOONG, 2015).

Por sua vez, a China assume postura mais assertiva a partir de 2008 e, principalmente, da gestão Xi Jinping. Quando não procura criar próprios mecanismos de poder estrutural, à margem dos EUA e Japão – em iniciativas como BRICS, *Belt and Road Initiative* e Banco Asiático de Investimento em Infraestrutura –, busca reformar as instituições fundadas pelos EUA, procurando alcançar maior poder de voto no FMI (FERDINAND & WANG, 2013) e colher os benefícios que elas proporcionam aos interesses chineses (SHAMBAUGH, 2013). Mesmo com a recente mudança de política exterior norte-americana do governo Trump, que pretere arranjos institucionais em favor do exercício do poder relacional via incentivos e retaliações econômico-comerciais, a China continua esse *modus operandi* de fortalecimento do sistema multilateral de comércio e governança global do clima como forma de se mostrar enquanto “*responsible power*” no cenário internacional e, conseqüentemente, aumentar sua projeção de poder estrutural. Sem ignorar a dimensão relacional do poder, a China promove modernização de suas forças militares (DORNELLES JR., 2014), mas observa com cautela a militarização japonesa, que, por contar com vasto potencial ainda não explorado de expansão material (uma vez que ainda não se alcançou o teto previsto de gastos de 2% do PIB japonês em defesa) e de funções, pode provocar perda de poder relativo mais intenso do que os incrementos das capacidades norte-americanas, marcados por padrões temporais de mudanças graduais.

Nesse sentido, podemos traçar, a partir da literatura, dois períodos gerais: um que se estende de 1997 a 2007 e outro que se inicia deste ponto até 2018. Apesar de tal divisão ignorar sutilezas, como a subdivisão de 1997-2007 em três períodos proposta por Zhang (2014), a bibliografia aponta como tendência a maior convergência política entre China e EUA no primeiro período, com divergência entre EUA e Japão. No período seguinte, as relações se invertem, com relações menos conflituosas entre EUA e Japão, ao passo que pioram os relacionamentos sino-americano e sino-japonês.

2. Método

Discurso é produto simbólico de uma rede de motivações, objetivos e relações existentes entre o emissor e o interlocutor da mensagem, e forma um complexo sistema de significação (MILLIKEN,

1999). O discurso diplomático, em sua especificidade frente a outros tipos de discurso, é caracterizado por sua publicização, tanto no sentido de “coisa pública”, pois é parecer emitido pelo Estado, como no sentido de contar com ampla gama de interlocutores, um público amplo, em suas facetas doméstica e externa. Nesse sentido, tende a adotar linguagem neutra ou positiva e parcimoniosa de modo a não comprometer a posição estatal, especialmente ao se referir a pessoas ou outros Estados específicos. Nas palavras de Oglesby, “[w]ords are chosen to be precise enough to communicate clearly to diplomatic interlocutors yet elastic enough to plausibly suggest the alternative meanings the diplomat’s political masters need [...]” (OGLESBY, 2016, p. 248). Porém, mesmo nessa tendência geral, observam-se variações e desvios ao padrão neutro/positivo da linguagem diplomática, que permitem aferir mudanças no discurso e estabelecer relações entre essas alterações e modificações mais amplas no ambiente político, extratextual.

Aplicado às Relações Internacionais desde a década de 1940 (PASHAKHANLOU, 2017), o método escolhido de análise de conteúdo, definido por Neuendorf (2002, p. 10) como “[...] *quantitative analysis of messages that relies on the scientific method [...] and is not limited as to the types of variables that may be measured or the context in which the messages are created or presented*”, é válido para mensuração de desvios à neutralidade/positividade de mensagens existentes no discurso diplomático. Mais especificamente, tendo em vista o nosso interesse de inquirir sobre relacionamento trilateral, julgamos apropriado investigar como variável-chave a orientação semântica, caracterizada por avaliação particular dotada de apreciação negativa ou positiva (TABOADA, 2016), não sendo, portanto, um julgamento objetivo da realidade, mas marcada por apreciação valorativa do interlocutor sobre determinado objeto – no nosso caso, as apreciações mútuas de China, Estados Unidos e Japão.

Vale mencionar ainda que o método de análise de conteúdo é condizente com análise de dados pela via estatística, pois compartilha epistemologia positivista adotada no presente trabalho, que preza, entre outros critérios, pela sistematização e possibilidade de replicação da análise dos símbolos discursivos (RIFFE et al., 2013). Na comparação com o *coding* e a contagem da frequência de palavras dos respectivos discursos, que são algumas das práticas mais tradicionais do método de análise de conteúdo nas Relações Internacionais (PASHAKHANLOU, 2017), a orientação semântica possui a vantagem de podermos associar a um único indicador numérico convergências (orientação semântica positiva) e divergências (orientação semântica negativa) políticas e a respectiva intensidade de tais fenômenos, além de contarmos com instrumentos robustos de mensuração de orientação semântica, descritos em seguida.

A análise de conteúdo é operacionalizada pela orientação semântica baseada em dicionário, método que consiste em designar valores numéricos a determinada expressão de acordo com uma lista previamente elaborada, que no nosso caso é o léxico elaborado por Taboada et al. (2011) em língua inglesa. Entretanto, não bastaria simples correspondência entre a expressão linguística e o conteúdo do dicionário, haja vista que a linguagem também é dependente da ordem e das relações existentes entre as palavras, em suma, a gramática. Assim, a busca pela orientação semântica é realizada em conjunção à análise sintática (*parsing*), em que se utilizam os algoritmos de processamento de linguagem natural desenvolvidos por Manning et al. (2014), igualmente para o inglês.

Essa amostra consiste em discursos de secretário de Estado dos Estados Unidos (DEPARTAMENTO DE ESTADO, 2009a, 2009b, 2017a, 2017b, 2018, 2020) e ministros de relações exteriores da China (MINISTRY OF FOREIGN AFFAIRS, 2020) e do Japão (GAIMUSHŌ, 2020), realizados entre 2008 e 2018. Não são autoridades máximas em matéria de política externa, porém, ao contrário do Chefe do Executivo, possuem a vantagem de terem seus discursos focados nos assuntos internacionais e, mais importante para a abordagem metodológica adotada, serem de fácil acesso, estarem catalogados *online* e em inglês. Por conta do imenso volume agregado, com milhares de documentos, recorreremos a métodos computacionais para análise de conteúdo. Não é demais constatar que o que se perde em especificidade – fator que se constitui um dos pontos fortes da abordagem qualitativa –, ganha-se em generalidade e objetividade do método proposto, uma vez que permite a geração de dados suficientes para inferência estatística, além de o processo algorítmico minimizar a parcialidade metodológica.

Dentre os critérios utilizados para direcionar a pesquisa, ressaltamos que: 1) a amostra coletada de discursos de secretário de Estado dos Estados Unidos compõe uma fonte extremamente rica, que abarca mais do que os pronunciamentos, a exemplo das entrevistas com o Secretário de Estado. Tendo em vista nosso interesse de investigar assertivas oficiais, foram excluídas as abundantes entrevistas disponíveis, pelo critério de presença da palavra “*interview*”; 2) O caso específico do site do Ministério de Relações Exteriores da China constituiu dificuldade de acesso aos discursos, pois, ao contrário dos sites norte-americano e japonês, nem todas as páginas estavam indexadas no site. Assim, tivemos que nos basear nos índices gerados pelo Google, quando se utiliza a ferramenta “*site: http://www.fmprc.gov.cn/mfa_eng/*” na barra de pesquisa do motor de busca. Além disso, o site chinês não discrimina em parte específica todos os discursos do chanceler, de modo que excluímos da amostra de discursos todos aqueles em que não constavam as palavras “*minister*” ou “*chancellor*”.

Compreendendo que não é todo discurso ou mesmo a integralidade de determinado discurso que permitirá a avaliação da orientação de determinado país acerca de outro país, propõe-se, aqui, como recorte apenas as frases em que aparecem nomes próprios e gentílicos dos países considerados na pesquisa – para a China, “China”, “*chinese*” e “PRC” (de *People’s Republic of China*); para o Japão, “*Japan*” e “*japanese*”; e para os EUA, “*United States of America*”, “*United States*”, “U.S.”, “US” e “*american*”. No caso deste último, para garantir que as palavras se referissem aos EUA, excluimos gentílicos como “*latin american*”, “*central american*” e “*south american*”, assim como menções a “*U.S. dollars*” e a outros países cujo nome oficial também incluísse “*United States*”, como “*United Mexican States*”. Consideramos como frase o conjunto de palavras entre os símbolos de pontuação “.”, “!””, “:” e “?”, associados à conclusão de ideias no discurso escrito. Assim sendo, as amostras constituídas, que aparecem na seção Resultados, tomaram como valor de mensuração a orientação semântica das frases individuais em que constavam os termos gentílicos tal qual especificamos.

Conforme apontado na literatura, propomos teste de modelos sobre a amostra de discursos. Temos como modelo alternativo, a ser comprovado, apreciações mútuas mais positivas entre Japão e Estados Unidos do que desses países em relação à China, com reciprocidade chinesa mais negativa ao Japão do que aos EUA. Por sua vez, o modelo nulo, a ser rejeitado, consiste na afirmação de que não há diferença de distribuição de orientação semântica entre os discursos recíprocos. Assim, concebemos amostras, que foram coletadas de duas distribuições distintas, indicando se tratarem de objetos distintos. No nosso desenho de pesquisa, é uma abordagem a ser empregada para contornar dificuldades metodológicas advindas dos métodos computacionais. Uma vez que se aplica o dicionário genérico de Taboada et al. (2011) sobre os dados concretos, poder-se-ia questionar a validade sobre métodos automáticos de análise de conteúdo.

Ao se procurar, porém, comparar dois conjuntos de discursos pelo mesmo critério, torna-se possível contornar desvios na mensuração realizada, pois não há motivo para se pensar que diferenças (se é que existem) nos algoritmos e bases utilizados sejam enviesados por determinado discurso, isto é, espera-se que desvios de mensuração sejam homoganeamente distribuídos ao longo das amostras tiradas. Assim, a apreciação individual pode ser imprecisa, o que constitui uma das limitações do presente trabalho, porém, ao ser realizada em termos comparativos, sob mensuração equivalente, o desvio pode ser considerado o mesmo e, portanto, o sentido e a intensidade da orientação semântica das frases dos discursos podem ser relacionados entre si.

3. Procedimentos

O objetivo dessa seção é apresentar didaticamente o passo-a-passo adotado para a coleta e geração dos dados. Nesse sentido, utilizaremos como exemplo o discurso do ministro de relações exteriores do premiê Shinzo Abe de 2011 a 2012, Koichiro Gemba, por ocasião do 9º simpósio CSIS (*Center for Strategic and International Studies*)/*Nikkei* em 26 de Outubro de 2012 (GAIMUSHŌ, 2012). Esse texto específico foi escolhido por permitir ao método de análise de conteúdo definido evidenciar o tom do discurso diplomático japonês no contexto de deterioração das relações com a China acerca das ilhas *Senkaku* e mostrar a aplicabilidade do método escolhido.

- 1) Constatada a presença do nome ou gentílico do país em questão (nesse caso, “China”) já no título do discurso, ele é válido para compor a amostra.
- 2) Entretanto, para ser processado para a análise de conteúdo, é necessário que seja um arquivo de texto. De modo que apenas o conteúdo de texto deve ser considerado, a partir da extração do arquivo *html* do site.
- 3) O arquivo *html* possui elementos adicionais ao discurso do ministro de relações exteriores do Japão, pois inclui aspectos essenciais à programação do site em que o discurso está hospedado, a exemplo da separação de parágrafos pelos marcadores `<p>` e `</p>`. Então, foi elaborado programa em C++ para extração do discurso, de acordo com os parágrafos presentes no site, como, por exemplo,

We do not at all wish for the situation surrounding the Senkaku Islands to influence the broader picture of Japan-China relations and to thereby affect stability in the Asia-Pacific region. Japan-China relations are extremely important to both countries. While maintaining our basic position, it is necessary to avoid unforeseen developments, to calm the situation peacefully, and to further deepen the ‘Mutually Beneficial Relationships based on Common Strategic Interests’ so that economic, cultural, and people-to-people exchange remains stable. Japan and China should calmly consider what must be done to achieve these objectives. The recent violence against Japanese companies operating in China cannot be tolerated. Such violence is detrimental to China itself too, as it exposes the business risks in China to the entire world (GAIMUSHŌ, 2012).

- 4) A análise de conteúdo é efetuada frase a frase (desde que contenha o gentílico ou nome do país em questão), de acordo com os critérios de separação especificados no artigo. Tomando o caso particular da frase “*The recent violence against Japanese companies operating in China cannot be tolerated.*” (GAIMUSHŌ, 2012) temos como resultado um relatório em que as palavras da frase são separadas em classes gramaticais, e são atribuídos valores numéricos, com eventuais considerações sobre a sintaxe que conecta tais palavras.
- 5) A orientação semântica da frase é formada a partir dos termos não neutros, o substantivo “*violence*” -2.0 X 1.5 (NEGATIVE) = -3.0 e da locução verbal “*not be tolerated*” 1.0 - 4.0

(*NEGATED*) X 1.5 (*NEGATIVE*) = -4.5, cuja média é -3.75, e passa a compor a amostra de discursos do Japão sobre a China no período 2008-2018.

- 6) O mesmo procedimento é realizado no universo dos discursos *online* disponíveis dos ministros de relações da China e do Japão e dos secretários de Estado dos Estados Unidos, alterando apenas os nomes ou gentílicos dos países para composição das amostras.

Sob esse pano de fundo, desejamos investigar mais precisamente se 1) existe diferença estatisticamente significativa e 2) qual o direcionamento da diferença, se valores são superiores ou inferiores, nas amostras a serem comparadas, a dizer, nos discursos após 2008 por China, EUA e Japão acerca dos demais países. Para tanto, serão utilizados os Teste de Kolmogorov-Smirnov e Teste da soma dos postos de Wilcoxon (ou simplesmente teste de Wilcoxon), disponíveis no *software* R (versão 3.6.1). Trata-se de testes não-paramétricos, ou seja, não assumem normalidade dos dados, como é o caso do teste t de Student, e são aplicados sobre duas amostras. O teste de Kolmogorov-Smirnov é aplicado para aferir se as amostras partiram de uma mesma distribuição e o teste de Wilcoxon para avaliar se existem diferenças, maiores ou menores a 0, nos valores tomados ao acaso de uma amostra em comparação a outra amostra.

Em princípio, nada impediria a utilização do teste de Kolmogorov-Smirnov para mensurar desvios, ou a utilização do teste de Wilcoxon para determinar se amostras partem da mesma distribuição, uma vez que, ao aplicar o teste Kolmogorov-Smirnov, é possível verificar diferenças nos valores quando se especifica uma das caudas da distribuição; enquanto o teste de Wilcoxon possibilita investigar indicativos de distribuições distintas, quando se aplica a média das caudas esquerda e direita. Porém, a bibliografia aponta sensibilidades distintas dos testes para esses dois procedimentos, que justificam as aplicações distintas escolhidas (BUSKIRK et al., 2013; HOLLANDER et al., 2014; SHESKIN, 2004).

4. Resultados

Os resultados são descritos nas Figuras 1 e 2, a seguir. Nas duas primeiras colunas da Figura 1 e na primeira coluna da Figura 2, são apresentados, em primeiro lugar, o país que proferiu o discurso e, em segundo lugar, o país referido, de acordo com o recorte temporal escolhido. Por exemplo, China-EUA (2008-2018) se refere aos discursos realizados pela China sobre os EUA entre 2008 e 2018. Para a Figura 1, o algoritmo empregado no *software* R para geração dos valores-p não é capaz de calcular o valor exato quando a amostra possui números repetidos, de modo que todos os valores-p da tabela são aproximados, mas representam o teto do valor exato esperado. Ainda sobre a Figura 1, o teste de Wilcoxon toma como critério de definição a amostra 1 em relação à amostra 2.

Assim, ilustrando com a 1ª linha da Figura 1, temos que há significância estatística ($p < 0.001$) acerca tanto de provirem de distribuições distintas como de a orientação semântica dos discursos proferidos pela China sobre os EUA possuir valores superiores (desvio maior que 0) aos discursos chineses sobre o Japão, entre 2008 e 2018.

Figura 1 - Estatística inferencial

Amostra 1	Amostra 2	Teste de Kolmogorov-Smirnov		Teste da soma dos postos de Wilcoxon		
		D	Valor-p	W	Valor-p para desvio menor que 0	Valor-p para desvio maior que 0
China-EUA (2008-2018)	China-Japão (2008-2018)	0.34056	0.000 ***	22019	1	0.000 ***
EUA-China (2008-2018)	EUA-Japão (2008-2018)	0.046476	0.003 **	6091004	0.9	0.1 *
Japão-China (2008-2018)	Japão-EUA (2008-2018)	0.092253	0.4	15942	0.1 *	0.9

Legenda: significância estatística nos níveis $p < 0.1$ (*), $p < 0.05$ (**) e $p < 0.001$ (***). Os valores-p foram arredondados para a casa decimal mais próxima à significância estatística correspondente.

Fonte: elaborado pelo autor.

Figura 2 - Estatística descritiva

Amostra	Mínimo	1º quartil	Mediana	Média	3º quartil	Máximo	Variância	Obliquidade
China-EUA (2008-2018)	-4.5000	0.6050	1.4520	1.1940	2.0000	5.0000	1.693009	-1.314174
China-Japão (2008-2018)	-4.5000	-1.0000	0.0000	0.1317	1.6667	4.0000	3.20893	-0.4491171
EUA-China (2008-2018)	-9.0000	0.0000	0.9500	0.7149	1.8333	8.0000	2.397176	-0.5661266
EUA-Japão (2008-2018)	-9.0000	0.0000	0.9167	0.6641	1.7000	6.0000	2.29266	-0.8915488
Japão-China (2008-2018)	-3.9000	0.0000	0.7500	0.5157	1.5000	5.0000	2.03767	-0.535423
Japão-EUA (2008-2018)	-6.0000	0.0000	1.0000	0.7383	1.5625	3.0000	1.526953	-1.178275

Fonte: elaborado pelo autor.

De modo geral, nossas hipóteses foram confirmadas parcialmente, com menor sucesso para a hipótese de diferença nas distribuições do que para a hipótese de diferenças de direcionamento dos

valores entre discursos. O teste de Wilcoxon se mostrou mais sensível às diferenças do que o teste de Kolmogorov-Smirnov, indicativo de maior diferença nos valores alcançados pela orientação semântica dos discursos do que propriamente em sua distribuição. O Japão apresentou maior uniformidade nos discursos em relação a China e EUA, portanto, o valor-p do teste de Kolmogorov-Smirnov não foi estatisticamente significativo e não se pode concluir que os discursos partem de distribuições distintas.

Há significância estatística para afirmar que a China se referiu de maneira mais positiva aos EUA do que ao Japão, e que os discursos chineses sobre EUA e Japão partem de distribuições distintas, no período 2008-2018. Condizente com a prática, haja vista que, apesar de iniciativas norte-americanas gerarem dificuldades à inserção mais incisiva da China no cenário internacional, atritos com o Japão, especialmente a partir do governo Abe, adquirem maior peso, por conta do histórico do relacionamento sino-japonês, no longo prazo, da proximidade geográfica (SUTTER, 2012) e do risco de o Japão se normalizar, com conseqüente perda de poder relativo pela China.

No nível da estatística descritiva, é importante notar os extremos alcançados pelo discurso chinês, quando comparados ao americano ou japonês. Apresentou ao mesmo tempo maior (em relação aos EUA) e menor (Japão) média na avaliação sobre um país entre todos os valores mensurados e também obliquidade, índice que mede concentração de valores à esquerda ou à direita da distribuição conforme alcança valores positivo ou negativo, com mesmo comportamento para os mesmos países. Conforme esperado pela neutralidade do discurso diplomático, todos os valores de obliquidade das amostras pesquisadas são negativos, porém só a China apresenta valores relativamente extremados, o que se repete na distribuição da orientação semântica das frases, pois, ao passo que, em todos os discursos americanos e japoneses, as apreciações negativas ocupam o 1º quartil, no discurso chinês sobre o Japão, tais apreciações ocupam o 2º quartil e sobre os EUA 22.1% da distribuição. De modo semelhante, a variância chinesa com relação aos dois países também alcançou valores discrepantes, com maior dispersão dos valores referentes ao Japão sobre aos EUA.

A orientação semântica dos discursos dos EUA apresentou maiores desvios com relação à prática política observada. Houve significância estatística nos testes empregados, porém em sentido contrário ao que aponta a literatura. Com relação à China, apresentou opinião mais favorável a esse país no período de aumento das tensões, do que em relação ao Japão. No nível da estatística descritiva, os momentos estatísticos acompanham a tendência, exceção feita à obliquidade, que aponta maior concentração de valores mais positivos para o Japão, em comparação à China. Os

EUA apresentaram variância semelhante para os dois países e também na comparação com os demais países, ou seja, maior consistência no discurso diplomático.

O Japão apresentou discurso condizente com a literatura, de apreciações mais negativas à China em 2008-2018; período esse marcado por maiores tensões. O teste de Kolmogorov-Smirnov não apontou significância estatística, porém, o teste de Wilcoxon foi sensível a diferenças dos valores das amostras. Houve diminuição estatisticamente significativa da orientação semântica dos discursos japoneses quando da deterioração do relacionamento com a China e aumento quando da melhora das relações com os EUA, no pós-2008. No nível da estatística descritiva, a tendência transparece com valor de 43.2% superior da média das apreciações japonesas sobre os EUA, e acompanhada de variância inferior de 25.1% na comparação aos discursos sobre a China.

Conclusão

À medida que se tornam cada vez mais importantes as relações trilaterais China-EUA-Japão, não só para a região da Ásia-Pacífico, mas para a política internacional em geral, mais prementes se tornam estudos metodologicamente rigorosos e empiricamente fundados sobre o tema. Procuramos enfatizar, nesse trabalho, a dimensão discursiva e como ela se conecta com os desenvolvimentos observados nas interações político-econômicas entre os países, conforme descritas na literatura.

A abordagem discursiva não é inovadora no campo das Relações Internacionais, porém, a utilização de métodos computacionais abre novas possibilidades de pesquisa, na medida em que incorpora quantidades superiores de informação, sob um *framework* objetivo, visto que algorítmico. Nesse trabalho, a orientação semântica foi o critério empregado, porém a riqueza das fontes permite serem trabalhados sob diversos paradigmas do processamento natural de linguagem. A título de exemplo, poder-se-ia utilizar de extração de relações para saber quais países se relacionam a quais temas, na perspectiva de discurso de determinado Estado. De fato, a elaboração de um léxico próprio às Relações Internacionais é uma importante lacuna identificada, mas que também se apresenta como rico campo de investigação metodológica para futuros trabalhos.

De aplicação mais imediata ao caso do relacionamento trilateral China-EUA-Japão, enxergam-se como futuros caminhos de pesquisa a investigação de como as amostras tomadas se relacionam ao universo dos discursos proferidos por esses países, para saber se repetem padrões gerais ou apenas no caso específico do país referido no discurso. Mais interessante, contudo, é a necessidade de aprofundamento do porquê da discrepância observada nos discursos norte-americanos frente às práticas observadas.

É importante considerar ainda que o caso sino-nipo-americano é espécie em um gênero mais amplo de discursos diplomáticos. De modo que podemos extrapolar dois resultados para testes gerais futuros:

- Variância, isto é, a heterogeneidade de orientações semânticas de discursos de determinado país parece estar negativamente relacionada à convergência política entre os países, que é o que se observa positivamente no caso japonês em relação aos EUA e negativamente no caso chinês em relação ao Japão, no período 2008-2018, ao alcançarem valor mínimo e máximo de variância no universo pesquisado. Há que se investigar se convergência política tende a uniformizar discursos.
- A insensibilidade do teste de Kolmogorov-Smirnov apontou homogeneidade nos discursos japoneses, mas heterogeneidade dos discursos chineses e norte-americanos. Apesar dessa diferença, no caso japonês e estadunidense, é importante observar a coincidência dos limites dos primeiros quartis exatamente em 0, indicando que cerca de 25% das frases apresentam orientação semântica negativa. Há que se investigar se a razão de 1:3 também se repete no universo geral dos discursos diplomáticos e a China é caso excepcional ou se a convergência nipo-americana ocorreu por mero acaso.

Referências

- BUSKIRK, Trent D.; WILLOUGHBY, Lisa M.; TOMAZIC, Terry J. (2013) Nonparametric statistical techniques. In LITTLE, Todd D. (ed.). **The Oxford handbook of quantitative methods: Statistical analysis**, v. 2. New York: Oxford University Press, 106-141.
- BUSZYNSKI, Leszek. (2013) **Negotiating with North Korea: the Six Party Talks and the nuclear issue**. New York: Routledge.
- CHOONG, William. (2015) Defence and Japan's Constitutional Debate. **Survival**, 57 (2): 173-192.
- CIA (Central Intelligence Agency). (2019) Country Comparison:: Public Debt. , publicado em **The world factbook** [<https://www.cia.gov/library/publications/resources/the-world-factbook/fields/227rank.html#JA>]. Disponibilidade: 19/11/2019.
- DAHL, R. A. (1957) The concept of power. **Behavioral Science**, 2(3), 201-215.
- DEPARTAMENTO DE ESTADO. (2009a) **Speeches and Remarks**, publicado em [<https://2001-2009.state.gov/secretary/former/powell/remarks/index.htm>]. Disponibilidade: 02/03/2020.
- _____. (2009b) **What the Secretary has been saying**, publicado em [<https://2001-2009.state.gov/secretary/former/powell/remarks/index.htm>]. Disponibilidade: 02/03/2020.
- _____. (2017a) **Former Secretary Clinton's Remarks**, publicado em [<https://2009-2017.state.gov/secretary/20092013clinton/rm/index.htm>]. Disponibilidade: 02/03/2020.
- _____. (2017b) **Secretary Kerry's Remarks**, publicado em [<https://2009-2017.state.gov/secretary/remarks/index.htm>]. Disponibilidade: 02/03/2020.

_____. (2018) **Remarks: Former Secretary of State Tillerson**, publicado em [<https://www.state.gov/remarks-former-secretary-of-state-tillerson/>]. Disponibilidade: 02/03/2020.

_____. (2020). **Speeches: Secretary Pompeo**, publicado em [<https://www.state.gov/speeches-secretary-pompeo/>]. Disponibilidade 02/03/2020.

DORNELLES JR., Arthur C. (2014) A modernização militar da China e a distribuição de poder no Leste Asiático. **Contexto Internacional**, 36 (1): 145-170.

DUARTE, Érico Esteves. (2013) Military Power, Financial Crisis and International Security Panorama in the 21st Century. **Austral: Brazilian Journal of Strategy & International Relations**, 2 (3): 9-43, publicado em [<https://seer.ufrgs.br/austral/article/view/31365>]. Disponibilidade: 25/02/2020.

FERDINAND, Peter; WANG, Jue. (2013) China and the IMF: from mimicry towards pragmatic international institutional pluralism. **International Affairs**, 89 (4): 895-910, publicado em [<https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/1468-2346.12050>]. Disponibilidade: 25/02/2020.

GAIMUSHŌ. (2012) **Building Order and Making Rules in the Asia-Pacific Age**, publicado em [https://www.mofa.go.jp/announce/fm/gemba/speech_121026.html]. Disponibilidade: 02/03/2020.

_____. (2020) **Speeches by the Foreign Minister**, publicado em [<https://www.mofa.go.jp/announce/fm/index.html>]. Disponibilidade: 02/03/2020.

GRIMMER, Justin; STEWART, Brandon M. (2013) Text as data: The promise and pitfalls of automatic content analysis methods for political texts. **Political Analysis**, 21 (3): 267-297, publicado em [<https://doi.org/10.1093/pan/mps028>]. Disponibilidade: 25/02/2020.

HOLLANDER, Myles; WOLFE, Douglas A.; CHICKEN, Eric. (2014) **Nonparametric statistical methods**. Hoboken: John Wiley & Sons.

IKENBERRY, John G. (2001) **After Victory: Institutions, Strategic Restraint, and the Rebuilding of Order after Major Wars**. [S.l.]: Princeton University Press.

JENTLESON, Bruce W. (2010) **American Foreign Policy: the dynamics of choice in the 21st century**. New York: WW Norton.

KATAGIRI, Nori (2019) Shinzo Abe's Indo-Pacific Strategy: Japan's recent achievement and future direction. **Asian Security**, 1-22, publicado em [<https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/14799855.2019.1607304?journalCode=fasi20>]. Disponibilidade: 25/02/2020.

KROEBER, Arthur R. (2016) **China's Economy: What Everyone Needs to Know**. New York: Oxford University Press.

KRUGMAN, Paul R.; DOMINQUEZ, Kathryn M.; ROGOFF, Kenneth. (1998) It's baaack: Japan's slump and the return of the liquidity trap. **Brookings Papers on Economic Activity**, 1998 (2): 137-205, publicado em [https://www.brookings.edu/wp-content/uploads/1998/06/1998b_bpea_krugman_dominquez_rogoff.pdf]. Disponibilidade: 25/02/2020.

LEE, Seungjoo. (2016) Institutional balancing and the politics of mega-FTAs in East Asia. **Asian Survey**, 56 (6): 1055-1076, publicado em [<https://as.ucpress.edu/content/56/6/1055>]. Disponibilidade: 25/02/2020.

MANNING, Christopher; SURDEANU, Mihai; BAUER, John; FINKEL, Jenny; BETHARD, Steven J.; MCCLOSKEY, David. (2014) The Stanford CoreNLP natural language processing toolkit. **Proceedings of 52nd annual meeting of the association for computational linguistics: system**

demonstrations, 55-60, publicado em [<https://nlp.stanford.edu/pubs/StanfordCoreNlp2014.pdf>]. Disponibilidade: 25/02/2020.

MEARSHEIMER, John J. (2001) **The tragedy of great power politics**. New York: : WW Norton & Company.

MILLIKEN, Jennifer. (1999) The study of discourse in international relations: A critique of research and methods. **European Journal of International Relations**, 5 (2): 225-254, publicado em [<https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1354066199005002003>]. Disponibilidade: 25/02/2020.

MINISTRY OF FOREIGN AFFAIRS. (2020) **Ministry of Foreign Affairs of the People's Republic of China**, publicado em [https://www.fmprc.gov.cn/mfa_eng/]. Disponibilidade: 02/03/2020.

MONTEIRO, Nuno P. (2014) **Theory of unipolar politics**. New York: Cambridge University Press.

NAUGHTON, Barry J. (2006) **The Chinese economy: Transitions and growth**. Cambridge: MIT press.

NEUENDORF, Kimberly A. (2002) **The content analysis guidebook**. Thousand Oaks: Sage.

NOLAND, Marcus. (2018) US trade policy in the Trump administration. **Asian Economic Policy Review**, 13 (2): 262-278, publicado em [<https://onlinelibrary.wiley.com/doi/full/10.1111/aep.12226>]. Disponibilidade: 25/02/2020.

OCDE (Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico). (2019) **General government debt (indicator)**, publicado em [<https://data.oecd.org/gga/general-government-debt.htm>]. Disponibilidade: 20/11/2019.

OGLESBY, Donna Marie. (2016) Diplomatic language. In CONSTANTINOU, Costas M.; KERR, Pauline; SHARP, Paul (Ed.). **The SAGE handbook of diplomacy**, [s.l.]: Sage, 242-254.

OLIVEIRA, Henrique Altemani. (2012) **Brasil e China: Cooperação Sul-Sul e Parceria Estratégica**. Belo Horizonte: Fino Traço Editora.

PASHAKHANLOU, Arash Heydarian. (2017) Fully integrated content analysis in international relations. **International Relations**, 31 (4): 447-465.

QUAH, Danny. (2011) The global economy's shifting centre of gravity. **Global Policy**, 2 (1): 3-9, publicado em [<https://onlinelibrary.wiley.com/doi/full/10.1111/j.1758-5899.2010.00066.x>]. Disponibilidade: 25/02/2020.

RIFFE, D., LACY, S., FICO, F., & WATSON, B. (2013) **Analyzing media messages: Using quantitative content analysis in research**. Nova York: Routledge.

SHAMBAUGH, David L. (2013) **China goes global: The partial power**. Oxford: Oxford University Press.

SHEKIN, David J. (2004) **Handbook of parametric and nonparametric statistical procedures**. Boca Raton: Chapman & Hall/CRC.

SIPRI (Stockholm International Peace Research Institute). (2019) **SIPRI Military Expenditure Database**, publicado em [<https://www.sipri.org/databases/milex>]. Disponibilidade: 15/11/2019.

STOKES, Doug. (2014) Achilles' deal: Dollar decline and US grand strategy after the crisis. **Review of International Political Economy**, 21 (5): 1071-1094, publicado em [<https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/09692290.2013.779592>]. Disponibilidade: 25/02/2020.

STRANGE, Susan. (1998) **States and markets**. London/ New York: Continuum.

SUTTER, Robert G. (2012) **Chinese foreign relations: Power and policy since the Cold War**. Lanham: Rowman & Littlefield.

TABOADA, Maite. (2016) Sentiment analysis: an overview from linguistics. **Annual Review of Linguistics**, 2:325-347.

TABOADA, Maite; BROOKE, Julian; TOFILOSKI, Milan; VOLL, Kimberly; STEDE, Manfred. (2011) Lexicon-based methods for sentiment analysis. **Computational linguistics**, 37 (20): 267-307, publicado em [https://www.mitpressjournals.org/doi/pdf/10.1162/COLI_a_00049]. Disponibilidade: 25/02/2020.

TELLIS, Ashley J. (2014) The Geopolitics of the TTIP and the TPP. **Adelphi Papers**, 54 (450): 93-120, publicado em [<https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/19445571.2014.1019720>]. Disponibilidade: 25/02/2020.

WORLD BANK. (2019a). **GDP (current US\$)**, publicado em [https://data.worldbank.org/indicator/NY.GDP.MKTP.CD?locations=CN-JP&most_recent_value_desc=false]. Disponibilidade: 19/11/2019.

_____. (2019b) **GDP growth (annual %)**, publicado em [<https://data.worldbank.org/indicator/NY.GDP.MKTP.KD.ZG?locations=US-CN-JP>]. Disponibilidade: 19/11/2019.

ZHANG, Yun. (2014) Multilateral means for bilateral ends: Japan, regionalism, and China–Japan–US trilateral dynamism. **The Pacific Review**, 27 (1): 5-25, publicado em [<https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/09512748.2013.788065>]. Disponibilidade: 25/02/2020.